



Questões Económicas e Financeiras

## Teatrologia Tragico-Comica

I.º DECRETO: MOBILISAÇÃO DE CAMBIAES, PRATA, COBRE... E TEIAS DE ARANHA!

Despido do manto diafano do palavriado óco e reduzido á forte nudez do seu cinismo, este primeiro producto da dictadura financeira da incompetencia nacional arvorada em timoneiro da Nação—caravela abordada por um bando de piratas—resume-se no seguinte:

a) Sendo embora verdade existir uma convenção solene entre o Estado e o Banco de Portugal, segundo a qual este forneceria áquele os fundos necessarios em escudos-papel, fabricados nas suas estamparias, para o serviço de aquisição de 50% das cambiais de exportação, conforme a legislação respectiva em vigor, mas mediante o deposito das mesmas cambiais de forma que a uma massa suplementar de escudos em circulação correspondesse sempre, no movimento das compras e vendas, uma contra-partida de valores-ouro efectivos em poder do Banco—o Estado resolve lançar mão de todos esses valores, sem mais cerimonia, reduzindo a convenção a um mero *chiffon de papier*...

E, embora no art. 5.º da mesma convenção se tivesse estabelecido que se por deliberação ulterior uma nova forma de constituição do fundo de maneo das exportações fosse adoptada, a conta corrente respectiva entre o Tesouro e o Banco seria encerrada E LIQUIDADAA CIRCULAÇÃO QUE ELA PORVENTURA TIVESSE PRODUZIDO—nem sequer a esta clausula, por simples decóro, o Estado liga importancia, deixando em circulação a descoberto uma formidável massa de papel!

b) Sendo ainda verdade que a lei n.º 1501 de 29 de novembro de 1923 estabeleceu para os ultimos suprimentos do Banco emissor ao Estado, uma caução em certo modo qualificada, por ser constituída por titulos consolidados do emprestimo de 6 1/2 por cento ouro do mesmo ano—o Estado, sem respeito algum pela lei nem pelo contracto á sua sombra celebrado, resolve

substituir a caução por titulos da dívida fundada de 3 por cento, como se entre estes e aqueles houvesse qualquer equivalencia!

c) Sendo um facto incontestavel que o Banco de Portugal adeantou ao Estado, á custa de um alargamento da circulação fiduciaria, 160 mil contos, numeros redondos, mediante a promessa de deposito de um valor ouro proveniente da venda da prata, que constituiria uma caução especial insubstituível por qualquer outra que não fosse um valor-ouro efectivo—o mesmo estado resolve, como a cousa mais natural deste mundo, não cumprir a promessa feita e entregar como caução, em vez de ouro, papel estampado na Junta de Credito Publico da dívida fundada de 3 por cento!

Se os meus leitores querem um *simile* que os habilite a concluir com a justiça da moralidade de todos estes actos e de quanto eles podem contribuir para o restabelecimento do credito do Estado, dir-lhes hei (e o governo que me desminta) que a situação é idêntica á de um devedor que, tendo caucionado uma dívida com um penhor constituído por varias joias, obriga em certa altura o credor a restituí-lhas sem lhe pagar, entregando-lhe quando muito, escripta a lapis, numa mortalha de cigarro, a confissão da sua dívida para servir de penhor!

d) Finalmente, como que nos depositos da Casa da Moeda ainda existam algumas toneladas de cobre, salvas, até agora, por milagre, do formidável saque em que, juntamente com os haveres, é posta em almoeda a propria honra da Nação—o governo muito patrioticamente prepara-se para lhe deitar a unia afim de lançar o seu producto na voragem dos esbanjamentos.

Reunidas assim estas reservas, rapadas bem as gavetas até ás teias de aranha haverá com que folgar mais uns meses.

Depois de novo esgotados os recursos e já completamen-

te aniquilado o credito do Estado... talvez se vendam as taboas de Nuno Gonçalves, a custodia de Belem, a baixela Germain, o Tratado da Esfera, o proprio montante de Nun'Alvares...

Nem sequer haverá o recurso de vender uma colonia—que ninguem compra aquilo a que pode deitar a mão sem o menor risco.

\* \* \*

Para assegurar o exito destes verdadeiros golpes de preto o governo, contando com a classica e bem provada cobardia do Banco de Portugal, manda que os acordos a celebrar com o mesmo Banco, por virtude de este decreto, não careçam, para serem firmados e cumpridos, da aprovação prévia da assembleia geral dos accionistas!

Depois, por um resto de fingido pudor, concede que á mesma assembleia sejam presentes depois de firmados, sem prejuizo da sua execução!...

Mas, afinal, numa reconsideração bem sincera e sintomatica, ordena que, se a assembleia geral negar a sua aprovação, "o ministro das Finanças submeta as resoluções d'ela á deliberação do Poder Legislativo em estancia definitiva, continuando em execução n'este intervalo os referidos acordos!.

E assim se modificam *ad hoc* numa penada os Estatutos do Banco de Portugal e o seu regulamento administrativo.

Ninguem dirá que os contractos a realizar segundo um tal regimen de *livre* manifestação da vontade enfermam de quaesquer vicios, designadamente de coacção!

Parabens aos accionistas do Banco de Portugal!

E parabens tambem aos illustres membros do Conselho de Administração, por, desta vez, aos menos aparentemente, poderem declarar que nenhuma responsabilidade lhes compete, perante a violencia do Estado!

## Oração

Senhor! aquela raça denodada  
Que Vós benigno outrora protegeste  
E guiaste á terra lusa abençoada  
Que generoso e bom lhe concedeste,

Hoje sofre, Senhor! E saquada  
Do furor da Moirama e mais agreste,  
De quem Vós noutra idade abençoada,  
Benigno tanta a vez defendeste.

Pecou— nós bem sabemos— esta gente,  
Perdeu já o direito á mão clemente  
Que outrora a protegia com amor

Mas, se Vos não convier levantar-nos  
Senhor! deixai ao menos que o salvar-nos  
Outra geração corra volt feror!

D. Gonçalo Vasco.

Mas é só aparentemente! Porque de facto, já ha muito, como agora, o seu dever era a demissão em massa deixando ao Governo a inteira responsabilidade da ruina nacional.

Acobardem-se mais uma vez e admitem-se depois de dentro em breve, virem um governo com a mesma desenvoltura deste mobilisar a propria reserva metálica do Banco! E porque não?! Não é verdade que cesteiro que faz um cesto faz um cento?!

AFFONSO LUCAS.

Regimento de Infantaria n.º 20

Aposição de condecorações

A convite do Excelentissimo Senhor Coronel comandante do Regimento de Infantaria n.º 20, realizou-se, no passado dia 19, no salão da Associação Commercial, uma reunião conjunta com todos os elementos officiaes, para se resolver definitivamente a data e a forma de se solenizar a aposição da Cruz de Guerra de 1.ª classe, com que foi condecorada a bandeira do nosso

regimento, pelos atos feitos praticados nos campos de batalha em França.

Presidiu o Excelentissimo Senhor Coronel-comandante, secretariado pelos Srs. Manoel Martins Barbosa de Oliveira e Mariano da Rocha Felgueiras, respectivamente presidentes da Associação Commercial e Camara Municipal. Estavam representadas todas as corporações, imprensa, etc.

Depois de terem falado os Srs. Coronel-comandante, capitão Fraga, Barbosa de Oliveira e Mariano Felgueiras, ficou assente que o 1.º destinado á aposição da Cruz de Guerra fôsse o 9 de Abril, comemorando se assim, condignamente o heroico esforço das nossas tropas.

Ficou constituída uma comissão composta pelos Srs. Presidente da Associação Commercial; Comandante dos Bombeiros; Presidente dos Empregados do Comercio; da Academia, da Comissão executiva da Camara Municipal e José Roriz, pela imprensa, para elaborar o programa definitivo.

Assina o "Gil Vicente".



# Côro dos Loucos

Como um desses titãs dos tempos heróicos da Grécia e da lenda, o homem forte que no presente brita a toca pedreira do passado para macdamsar a larga estrada por onde seguirão, contentes e fartas, as gerações do futuro — é um gigante de tenacidade e de fé. Nem o escalracho teimoso dos preconceitos, nem a asfixia sistemática do silêncio nem os obstáculos da intriga, da perseguição e do interesse lhe escravam os passos firmes e o impedem de caminhar além. Com as próprias armas da democracia, em democracia pura, ha muito terramões derrubado e destrambelhado abôrto que em nome de falhadas teorias, ainda governa o mundo. E' que já não é apenas a ideia em si, o verdadeiro sentido político das democracias, que insulta a nossa razão e faz crepitar de revolta o nosso nacionalismo.

O que arrepiá de fúrias bravas o nosso cérebro, o que nos escavava os nervos de repulsão e ácco, o que nos estertorisa os músculos em ansias rápidas de estrangulamento e de morte é a sem-cerimonia com que a democracia se vende e se trai, o impudôr com que se inverte e se nega, a doida, a cínica incoerência das suas leis e dos seus servidôres, e estendal miseravel da sua impotencia e o descaramento da sua venalidade. O que para aí está, o que nos rege, a instituição política que dá corpo á sociedade, não é uma democracia — é um exgotô; não é sequer uma instituição — é uma anarquia.

De tantas desilusões que a idade e o mundo nos tem trazido a sepultar sonhos generosos e ardimentos heróicos de combate, nenhuma como esta nos geiou o entusiasmo infantil de leal cavaleiro andante, de iluminado Pedro Ermita da nova cruzada. Era contra uma cidadela que nós queríamos combater até lhe esfacelarmos as fortes muralhas, uma cidadela de princípios rijos como a pedra onde cada gota de sangue fosse um grito de fé erguido ao ceu como lingua de fogo e a carne e a terra fossem o cimento do templo augusto da Verdade e da Justiça elevado pelos homens em louvor de Deus. Mas se a nossa desilusão foi grande, maior ainda foi o nosso nojo, um nojo feito de todas as delicadezas e de todos os escrúpulos da alma e do corpo, feito de rebeldia e de bondade, de desalento e de perdão. Sonháramos em cravar na grossa porta ferrada da democracia a nossa lança em desafio sem tregua até á morte — nunca pensamos em cuspir, nauseados, sobre a vasa pestilenta de um enxurro. Porque não é já contra uma democracia apenas que temos de combater o belo combate da remissão, oh! meus amados irmãos de armas neste singular e nunca visto combate contra a mentira e contra o mal — é contra todo esse inconcebível espaço intellectual em que todas as aberrações sociais e políticas afloram á superficie da cultura como flores estranhas dum pantano venenoso; é contra o Mussolinismo e o Riverismo, contra a orquestroria diabolica em que o bom senso naufraga e em que a loucura triunfa, uma loucura feita de histerismo e de maldade, uma loucura que se baba de gozo e péde colete de forças, que chafurda na lama e que de lama esparrinha o que ha de mais santo na consciencia, de mais nobre, de mais sagrado, de mais puro na Vida!

Ollhada em conjunto, ou vista apenas por qualquer dos seus pris-

mas sociais, políticos, economicos ou artisticos, a vida presente, a vida que é mais agonia do que febre, mais estertor do que movimento — a vida das democracias tem qualquer coisa de ronda de bruxas e de manicomio em revolução, de loucura exacerbada até ao delirio, até ao sangue, até á dôr. Desde a obsessão dos princípios até á mania da perseguição, desde a megalomania grotesca á requintada crueldade, do ataque furioso de epilepsias barbaras em que a carne se rasga, e os dentes traçam a lingua, e os olhos são relinchos de despejo e torção e o cérebro se estilhaça, e todo o musculo é um bordão que vibra pragas interiores até ao pismo imbecil em que os olhos são lagos mortos e as mãos são remos imóveis de gondola abandonada — é uma teoria tragica e sombria de amolecimento cerebral, de espantosos casos teratológicos, de monstruosas deformações, de aberrativas miserias.

E' bem o fruto da democracia, é bem a consequencia fatal de mais de um século de individualismo sem freio, de liberalismo sem finalidade, de materialismo sem vergonha. E é ainda pela razão mesma dessa democracia que a sociedade indisciplinada, desregada, democristiana, e nem, ape-la para a tirania depois de esjar a desbragada licença, opta pelo «jazz-band», pela novela-relampago, pelo «fox-trot», pelo cinema, depois de farta de valsa, de ópera, de poesia e de teatro — reclama o tabelamento dos generos e exige a liberdade do comércio, quer o pão barato e trabalha o menos possível, pede a moralidade, economia e ordem, mas gasta á larga, e luxa, e rebola-se como toda a gente no perfumado lodo das perversões dos sentidos e do espirito. Desses flagrante contraste entre o que se diz e o que se faz, do sentido falso que a tudo se dá e que de tudo se toma, do conflito permanente entre o sistema e os processos, de toda essa guisa-lhante feira de nulidades lantejouladas, da igualdade no crime e na virtude — uma noção amorfa do bem e do mal se forma, que amarfalha todas as consciencias e estiolha todos os ideais.

Então, perdida a moral, e recalçados os escrúpulos, a loucura colectiva que anda embrionaria no fudo da razão humana desde a madre do mundo; afronta o juizo e a luz, enrodilha-se na lama dos primeiros ataques, guilha as primeiras palavras de sandice; depois insulta e quele ser genio, esbraveia e julga-se heroe, atasca-se em devassidões e divinisa virgens de alcouce, instiga ao assassinio e ao roubo e supõe-se justo, esmaga a verdade e quere ser Deus. E' contra uma sociedade assim de loucura e de torpezas oh! meus irmãos em Cristo, meus camaradas nesta gloriosa velada de armas de que um novo mundo surgirá — é contra isto, que não tem nome, que nós combatemos no maior combate que a historia regista do espirito contra a materia. E' um mundo de loucos o que se agita e espera neste doloroso crepusculo de um negro ciclo historico; e maior é ainda a nossa piedade pela infeliz humanidade a quem Deus privou do juizo para não assistir á propria perdição.

Longe, muito longe mesmo, nos levaria o pensamento pelo caminho pedregoso desta análise social. Preferimos ficar por aqui, chegados que somos ao cumo do alto monte de princípios que temos subido. Ollhamos, e os nossos olhos

contemplam do alto a cidade democratica que abandonamos para sempre, sem ôdios nem saudades: lá moram as eleições com suas listas e suas urnas, o sufragio universal e a soberania do povo. E' lá que a economia dos povos se rege por um sistema inventado por filosofos para proveito de ladrões: é a livre-concorrência, o magico sistema da oferta e da procura onde os alquimistas do século desoto julgarão, em entrar a pedra filosofal que a todos os homens, bandidos e santos, ignorantes e sábios, castos e devassos, honestos e ladões, traria á eterna e terrena felicidade.

Lá, na cidade que arrepela de choro e que gargalha como uma bexiga, na cidade que sofre e que goza, que agonisa e que estotra — ficam as grandes fabricas com os seus proletarios invejosos, revoltados, bestializados pelo alcool e por ideias curtidas em aguardente e em polvora ficam os desolados campos de que o povo foge como da peste, com seus rebanhos de cavadores carne insensibilizada pelo contacto com a terra brava, braços duros como toros, mãos esclavizadas e negras como raizes, mãos que cavam, e regam, e montam, e colhem, e debulham o joio grão pelo qual uma revolta estala em cada dia e uma bomba ribenta em cada canto. Fica o trabalho, dia a dia mais anarquizado, a industria que tudo sacrifica á lei inmutavel do liberalismo, o comercio para quem são fabricadas as mais sabias leis de rapinancia e de precação. La ficam os tentáculos varniculados do poly democratico — «partidos» a financa garras cruéis que se cravam nas entranhas do povo, linguas danadas que o agitam até a alma. E por ultimo, num cicopico amontado de pedras, de tintas, de cristais e ferros, fica o parlamento e os covis do Estado, do Estado que a toda a parte faz chegar a sua rapacidade centralisadora, no braço do governador civil, na mão do administrador, na unha do regedor: fica a grande imprensa, a imprensa informadora, descolorida e móle, e as gazetas partidarias que esterilizam o pensamento; ficam as «élites» da literatura e da arte, os reis dos milhões, as sultanas do amor, os antros do jogo e a caverna de Caco da Bolsa. E' á volta da Bolsa que tudo gira, em volta do dinheiro, o louco mundo da democracia rollopa em furia, como que tomado dum golpe de espanto e de ferocidade. E' o cambio que tudo regula — o amor e a arte, as espadas e a imprensa, a politica e os negocios, deputados e rufões, poetas e meretrises, todos se curvam em venias, em tagatês, em salamaleques, em reverencias á libra de cavallinho, ao minuscuro disco doiro que na Bolsa dá os saltos mortais do azar e da fortuna. Esta é a cidade democratica, oh! cavaleiros da Ideia, guerreiros e arautos da Revolução, unidos de esperança e de fé — a cidade dos «oidos e da infamia, onde ás horas vivas da Bolsa ou ás horas mortas da noite se ouve o côro infernal o côro estertorado dos loucos que devoram ouro e afocinham na carne como os porcos na pia.

Ollhamos ainda do alto monte de princípios a que subimos. Muito longe, envolta ainda no alto manto com que Deus resguarda o que ha de ser dos humanos olhos, a cidade futura abre-se e revela-se aos nossos olhos de sonho e de quimera. Tem a solidéz classica do passado e a harmonia aerea do futuro. E' livre e alegre como as

aves, e das aves tem o conforto do ninho e a ansia do infinito, de Deus. E' imperfeita como tudo quanto é humano, mas não é de balde que os homens lutam, e sofrem, e sangram de amor por ela: ha mais justiça e ha mais pão. Trabalha-se, não como nos velhos tempos da livre-concorrência em que o interesse individual prevalecia sobre a dignidade humana e a consciencia profissional: os homens agrupam-se consoante os misteres, e conforme as suas aptidões e necessidades, os seus meritos e o seu genio, a sua inteligencia ou a sua profução: assim a riqueza é dividida sem que o pão de cada dia falte e sem que ao homem seja vedado o acumular licitamente riquezas para si ou para os seus.

Não ha proletarios nem burguezes, não ha exploradores nem explorados, não ha servos nem senhores: ha profissões e homens livres que a servem, ha trabalhadores que de conta propria ou em colaboração, ou em coadjuvação, ou em comunidade labutam em seu proveito, em prol da colectividade e no bom aproveitamento da terra e dos seus produtos, no amanho das lanchas, no arroteamento das artes.

A todos chega o pão e o conforto-mais ricos uns mais modestos, outros, para todos a terra se desentranha em fructos, e se nem a todos é dado o gozo das preciosidades da terra, do luxo artistico que não amoleta nem perverte á flor dos povos fica a semente da ambição para que o homem virtuoso e trabalhador frua ainda na vida o premio da sua virtude, da sua inteligencia, do seu genio e do seu trabalho. Lá, na cidade futura, onde, apesar de tudo, não existe por impossivel a felicidade imutavel e esteril, a ociosidade é um crime, e todos os crimes são punidos porque ha justiça, uma justiça em que ha reflexos de misericordia de Deus, porque o Bem e o Mal, existindo enquanto houver homens neste vale de lagrimas, estão finalmente separados e inconfundíveis. A cidade futura é uma nação organizada, onde os homens formam em familias, em municipios e em provincias, e os trabalhadores se agrupam em gremios em corporações, e em federações. Não ha partidos, não ha parlamentos, não ha Bolsa, não ha loucos.

Será assim a cidade-futura que nós sonhamos, oh! meus companheiros darmos nesta jornada heroica de sacrificio e de resgate — a cidade-futura onde não chegará a loucura deste velho mundo que estrebuchta, entalado no colete de forças da tirania, este velho mundo, á beira da sepultura, que canta desganhado e vil o côro dos loucos, o côro diabólico do oiro, do gozo e da perversão — oh! meus camaradas de luta, oh! meus iluminados irmãos em Cristo!

CESAR A. D'OLIVEIRA

## MISSA

Mandada dizer pelo sr. Francisco Correia, celebrar-se-ha, no proximo dia 27, ás 10 1/2 horas, na capela de S. Domingos, uma missa seguida de *Libera-me*, conmemorativa do primeiro anniversario do falecimento do saudoso arcebispo Dr. Conego Manoel Moreira Junior.

Acaba de aparecer "O SEISSENTISMO EM PORTUGAL", por Manoel Murias, notabilissimo ensaio historico.

Vende-se nesta cidade na "Casa Nun'Alvares,"

## Portugal na Grande Guerra

Uma carta do marechal Hindenburgo rectificando umas passagens do seu livro de Memórias. Em resposta a uma carta de um oficial portuguez, o famoso general alemão faz justiça á acção das nossas tropas no «9 de Abril».

Em resposta a uma carta do sr. capitão de artilharia Brandão Nunes, em que este official pedia a rectificação de umas referencias injustas á acção das tropas portuguezas na batalha do Lys, feitas pelo marechal Hindenburgo no seu livro "Aus Meinem Leben", declara este famoso cabo de guerra o seguinte que desejamos arquivar nas nossas columnas, por se referir á gloriosa acção das nossas tropas no combate do «9 de Abril»:

HANNOVER, 19 de Janeiro de 1924.—Ex.º Sr. Capitão.—Peço desculpa de ter demorado a resposta á sua carta de 20 de Novembro de 1923. O facto de eu ter de mandar rever o arquivo do nosso estado maior de então certamente explicará essa demora. Os factos narrados no meu livro baseiam-se nos depoimentos de um official inglez prisioneiro e nas informações dadas por officiaes alemães que tinham tomado parte no combate. As investigações, a que desde então se tem procedido, dão, porém, um juizo diferente do comportamento das tropas portuguezas, e não tenho duvida em declarar o seguinte. No meu livro "Aus meinem Leben" acha-se na narração da batalha do Lys o seguinte periodo:

«As tropas portuguezas, na sua maior parte, retiraram-se do campo de batalha em uma fuga desordenada; renunciando definitivamente ao combate a favor dos seus aliados.»

Conforme fui informado, esta redacção deve ser modificada. O assalto dos alemães encontrou os portuguezes em uma posição pouco favoravel e o progresso do ataque alemão foi mais favorecido por este facto do que por culpa da tropa. Considerando se as circunstancias dificeis, a tropa, tanto o official como o soldado, bateram-se valentemente. Nas edições novas do meu livro far-se-ha igualmente a correspondente rectificação.

O meu coração de velho soldado regosija-se vendo a nobre attitude com que V. Ex.º defende a honra da sua arma. Quanto mais valente é o inimigo tanto mais gloriosa é a victoria sobre o mesmo.

Saudo V. Ex.º e mo camarada e subscrevo-me com toda a consideração.

—De V. Ex.º Atento venerador— VON HINDENBURG, marechal do exercito.

## Conselheiro João Franco

Ao telegrama de felicitação que, por motivo do seu anniversario lhe enviaram os amigos do Ex.º Sr. Conselheiro João Franco, dignouse S. Ex.º responder nos seguintes termos:

«Intencionalmente agradeço e abraço todos queridos amigos por tão inquebrantavel carinhosa amizade.

FRANCO

V. Ex.º quer ter uma leitura util agradável e barata?

Assine "A GRANDE NOVELA." Escreva hoje mesmo para a administração: Rua da Horta Seca, 7-1.º LISBOA.



Reparos...

Descance...

O prosapioso *clow* do *Ridendo-Circo*, criador do "em-fim finalmente", e quejandos, vem pedir para que não lhe chamemos integralista.

Descance, homem, que essa ofensa não faremos nós a nossa Causa. Era o que faltava.

Uma causa que o alto espirito de Afonso Lopes Vieira, em honrosa referencia, declarou ser o MAIS CONSCIENTE DOS NUCLEOS DO PENSAMENTO CONTEMPORANEO, obrigando tambem Ramalho Ortigão a inclinar-se rendidamente, como bom representante da elite intelectual do seu tempo, perante a elite dos novos; uma Causa JÁ HEROICA E NOBREMEN-TE PROVADA PELO SANGUE E PELO ESPIRITO, no dizer do grande português que é Antonio Correia de Oliveira; uma Causa QUE TEM DE GRANDE A REACÇÃO MENTAL QUE REPRESENTA, como o declara João de Castro, o chefe do gorado movimento revolucionario de julho do ano de 1922, no seu opusculo «A Revolução Nacionalista» não pode albergar determinadas criaturas.

Descance, homem! Essa ofensa não faremos nós a nossa Causa. Se o fizéssemos equivaleria a lançar sobre a alvura dos nossos principios um balde de acido-sulfurico.

Livra!

Pelourinhos

E' engraçada a forma como os defensores do regimen se nos apresentam todos *moralistas*, a prégar *moralidade*, a falar dos *adeantamentos*, das *fraudes* (!) da monarquia constitucional, etc., etc.

O pior-e ai está o grande mal—é que esses *prototipos moralistas* já são conhecidos para que os tomemos a sério.

E por esse país fora, por essas terras alem, vão ficando os pelourinhos... que constituíram o seu maior pesadelo e relembram os seus bocados porque tiveram de passar.

Ora af está...

Uma vez certa e determinada folha local atirou-se ao snr. tezoureiro de finanças como gato a bofe.

Era *talassa*, não aparecia na repartição, tinha um emprego numa casa bancaria do Porto, onde passava a maior parte do tempo, estava a comer a *dois carrinhos*, etc., etc. Isto por varias vezes.

Mas, certa ocasião, e na mesma deterninada folha, aparece-nos nova referencia ao sr. tezoureiro, mas, por artes de *bertiques e berloques*, já o sr. tezoureiro tinha deixado de ser *talassa*, de ter e nprego no Porto, etc, etc., e fazia-se o ilogio á sua competencia,

assiduidade; etc. e tal. Que lhes parece...

O empréstimo «racico»

Todos barafustam porque o snr. Alvaró de Castro, resolveu, como medida de fomento de grade alcance para o Tesouro, ou, pelo menos, como expediente financeiro, fixar um limite ao juro do empréstimo ouro 0,5%.

Agora surge o snr. Vitorino Guimarães, autor do empréstimo, e atira-se á obra do snr. Alvaro.

Que grande pandego e que grande pandega com o empréstimo *racico*.

Por Angola

Aquilo por Angola, com Norton I por alto commissario, tem sido *uma mina*, pelo que se deduz das declarações feitas ha dias no Parlamento pelo snr. Cunha Leal

Verbas retiradas, gratificações, tudo á matreca sem conta, peso, nem medida; tudo a *reço cheio*.

E' mais um novo escandalo, com artigos réclames pagos a muitos mil escudos; é certa imprensa da *bôa*, a prestar-se a um papel ridiculo, yendendo-se sem escrupulos nem consciencia, na ancia de apanhar tudo quanto possa  *vender*...

Disse o snr. Cunha Leal: EM ANGOLA EXISTE UMA QUADRILHA QUE É NECESSARIO PRENDER.

E' o prendes!... E quem ha-de prender a quadrilha de cá?

Desgraçado país o nosso! Em Angola, como em Portugal, a administração é um caos. Tudo rouba, tudo serve para encher a bolsa

E tudo continua dormindo! AQUI D'EL-REI! AQUI D'EL-REI!...

Orfeão de Guimarães

Dois saraus de Arte

O nosso Orfeão que tantos triunfos tem obtido e que, ultimamente, em Braga e no Porto, ganhou novos louros, promove, para os próximos dias 27 e 29, dois esplendidos saraus de arte dedicado á illustre Direcção da Associação Commercial, promotora da Exposição Industrial e Agricola Concelhia, realisada no ano preterito, com o seguinte Programa:

1.ª Parte (Pelo Orfeão)

*Andorinha Ferida*—Canção — R. Dantas, *Rapsodia n.º 2* — Maia Santos, *Portugal é Linto* — Canção — A. Leça, *Nabuco (R.º d'Assiria)* — Opera — G. Verdi.

2.ª Parte

Representação da comédia em 3 actos original do illustre escritor Vimaranes Ex.º Sr. P.º Gaspar Roriz:

«DE AEROPLANO»

3.ª Parte (Pelo Orfeão)

*Contos del mar*—Barcarola — L. Faglietti, *Noites de Abril Coral* — R. Dantas, *Minha Mãe* — Canção — F. Lacerda, *Rapsodia n.º 1* — R. Dantas, *Ode ao Trabalho* — Ino R. Dantas — *Ino da Cidade Vasco Leão*.

Pela forma como o programa foi elaborado, os 2 saraus do nosso Orfeão devem resultar brilhantes.

Vai Guimarães ter ensejo de tributar aos nossos trovadores que, de terra em terra, vão levantando bem alto o nome da nossa cidade, a sua simpatia, todo o seu orgulho.

Vai Guimarães ter ensejo de apreciar e tributar ao novo trabalho do snr. P.º Gaspar Roriz, grande alma de vimaranesense dedicado, os aplausos devidos á sua inteligencia e ao seu caracter.

E destas recitas vão sair novamente encorajados os nossos rapazes a cantar, a cantar, lembrando se daquela passagem da Biblia Portuguesa:

*Cantando espalharei por toda a parte.*

Secção de Sport

FOOT-BALL

Vitória 2.ªs categorias vence o Escola Académica por 4-1.

Debaixo da arbitragem de Armando Freitas, cerca das 14 horas, alinham os dois grupos assim constituídos.

Vitória: Mário; Cunha, Antonio Jordão; Abreu, Pereira Mendes, Antonio Pires; Castro, Cabral, Leite de Castro, Belmiro, Alipio.

Escola Académica: Santos; Mulonado, M. Pinto; Acacio, A. Pinto, Queiroz Costa, Dias Machado, Vasconcelos, Aires, Corteia da Silva, Reis.

Cabe a bola de saída ao grupo da Escola Académica mas é logo desarmado.

Os preto e brancos carregam e Pereira Mendes consegue o primeiro goal para o seu grupo. Pouco depois Cabral marca segundo. O Vitória que domina por completo jura novamente as redes dos academicos devido a um penalty e assim termina a primeira parte do jogo com o resultado de 3-0.

Na segunda parte o Vitória domina de principio e Cabral marca mais uma bola conseguindo os de preto enfiar uma. Nos ultimos minutos de

jogo os academicos dominam fortemente mas não aumentam o seu score.

A. D.

Hoje — Sport ás 15 horas — Victoria — Grupo Desportivo Fomalicense.



EFEMERIDES DO MEZ (Fevereiro tem 29 dias)

13—1547—Conquista de Barroche por D. Jorge de Menezes.

1734—Morre o oratoriano, Padre Rafael Bluteau, precursor da biologia portuguesa e autor d'um vocabulario, que ainda hoje é indispensavel e que nenhum trabalho posterior ainda fez depreciar.

1793—Estabeleceu-se o tribunal revolucionario em Paris.

14—1400—Morre Ricardo II, de Inglaterra.

15—538—Notavel victoria naval dos portugueses nos mares da India; Martin Afonso de Sousa derrotou o grande corsario Pate-marcas.

16—1630—Os holandezes tomam Pernambuco dos portugueses.

1710—Morre Flechier, um dos grandes oradores sagrados francezes, o seu discurso mais notavel é a oração de Turenne.

17—1510—O grande Afonso de Albuquerque conquista a cidade de Goa esta façanha é um dos factos capitais da nossa epopeia no Oriente.

1673—Morre o incomparavel comediografo francez Moliere.

18—1162—Morte do glorioso prior de Santa Cruz de Coimbra, S. Theotonio, natural de Goufei (arcebispo de Braga, conselheiro, amigo e confessor de D. Afonso Henriques).

1429—A grande heroína de França Santa Joana d'Arc obriga os ingleses a levantar o cerco de Orléans.

1834—Batalha de Almonester, uma das mais importantes das nossas luctas liberaes.

UM GRANDE NEGOCIO QUE SE DESFAZ

O tão falado caso da emissão dos selos comemorativos da travessia aerea Lisboa-Rio de Janeiro, teve agora um epilogo que sobejamente justificou o receio de muitas pessoas, entre as quais, os heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, de que os snrs. Leandro Camacho e Carneiro Venancio, concessionarios da emissão, pretendiam apenas tirar do glorioso acontecimento um efeito mercantil que lhes seria prodigo em lucros fabulosos...

Como é sabido, os illustres aviadores, ao terem conhecimento da negociata, opuzeram-se a que fossem vendidos os selos, em que estavam estampados, sem a sua authorização, as effigies de ambos;

Em vista disso, os concessionarios comprometeram-se a entrar com a quantia de três mil contos nos cofres da Aviação Maritima, verba que de-

via ser entregue até ao dia 31 de Março do ano passado. Como esse facto não tivesse acontecido até á data, os selos não puderam circular e os snrs. Leandro Camacho e Carneiro Venancio entraram de estudar á maneira de se libertarem do compromisso tomado e fazer o seu negocio. Assim, estabeleceram em negociações secretas para effectuarem a transferência dos direitos de concessão para o negociante snr. J. P. Santos, morador na quinta do Monte Carmo, á Junqueira, resolvendo todos que os selos fizessem por sua venda sem o consentimento dos dois aviadores.

Não se trata de um successo ardit porque, avisados a tempo os illustres officiaes trataram logo de requerer, no Tribunal do Comercio, o embargo á circulação dos selos que a lei lhes faculta, dando como testemunha os snrs. Manoel Ortins Beltencouf, official da Armada, piloto aviador, comandante Antonio Alemão de Cisneiros e Faria e José Vaz de Azevedo e Silva, primeiro tenente da Armada.

Despachado favoravelmente pelo juiz snr. dr. Sampaio Duarte o requerimento dos dois illustres aviadores, foi hontem aquele magistrado proceder ao embargo de todas as colleções existentes na Casa da Moeda, onde chegou pelas 13 horas, acompanhado pelo snr. dr. Souza Costa que servia de secretario; pelo escrivão ajudante snr. Mayer e ainda pelo official de diligencias snr. Rodrigues. Depois de minuciosa conferencia, foram as referidas colleções seladas em caixas fortes e entregues á guarda do actual director.

Faltam ainda embargar todas as colleções que se encontram nos Correios e Telegrafos e ainda as numerosas colleções que estão empilhadas num prestançia na rua da Trindade.

«ECOS DE GUIMARÃES»

Por esperar por umas gravuras que tenelha publicas só na terça ou quarta feira proxima sera distribuido o nosso prezado collega local «Ecos de Guimarães»

Let's Escapar e Cantar bem, são as habilitações mínimas que deve ter, se quer empregar-se em Lisboa ou Porto.

Para se aperfeiçoar, escreva hoje mesmo ao Centro de Educação Commercial por correspondencia da Revista "A Publicidade Moderna", 3, Travessa do Alcega, LISBOA.



**ESTABELECIMENTO DE MODAS,  
FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS.**

Sedas, pelúcias e veludos. Tecidos para vestidos em lã e algodão.  
Tecidos para forros em seda e algodão.  
Espartilhos da fabrica SANTOS MATOS.

**Salgado - Guimarães**

**Casa High-Liff**

Modas e Miudezas. Chapéus para  
senhora e criança

**TOURAL**

**GUIMARÃES**

**A TENTADORA**

**BERNARDINO ALMEIDA & COSTA, L.** DA

Fazendas brancas, Modas e miudezas  
ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES  
CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

120, Rua da Republica, 122 e 122-A

Sempre as maiores Novidades. Exposições Permittentes.

**MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO**

DEPOSITO DE C. L. CIMENTO, TINTAS, VERNIZES  
E ARTIGOS CONERNENTES  
PARA PINTOR E CAIADOR.

A Casa que mais barato vende.

*Amandio Teixeira de Carvalho*

Rua Dr. Avelino Germano—GUIMARÃES.

**A ULTRAMARINA**

Nova Agencia de Passagens e Passaportes

UNICA CASA QUE NA CIDADE DE GUIMARÃES  
PODE TRATAR, CUJO AGENTE OFICIAL É

**João Esteves**

RUA ELIAS GARCIA (Antiga Rua de Santa Maria)

**GUIMARÃES**

Esta casa que acaba de abrir legalmente habilitada pelos  
Ex.<sup>mos</sup> Sns. Ministro do Interior e Comissario Geral dos Serviços  
de Emigração, trata de todos os documentos necessarios para obter  
passaportes com destino ao — BRAZIL, ARGENTINA, FRAN-  
ÇA, AFRICA e HESPANHA e mais nações da America e da  
Europa. Trata-se de passagens para toda a parte, nos melhores  
vapores de todas as Companhias de qualquer nacionalidade.

Dar a preferencia a esta casa é obter a certeza de nunca  
terem margem a qualquer reclamação.

O proprietario desta casa procurará todos os meios para  
que os seus passageiros sigam ao seu destino o mais rapido possi-  
vel, para, assim, se tornar conhecido o seu nome e a sua casa.  
Procurem e peçam informações á **ULTRAMARINA** e  
estas serão dadas gratuitamente.

Dirigi CORRESPONDEN CIA ao AGENTE OFICIAL

*JOÃO ESTEVES*

Passagens e Passaportes — Guimarães.

**CARTILHA MONARQUICA**

**CARTILHA DO OPERARIO**

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

LEIAM

**A NAÇÃO PORTUGUESA**

:: REVISTA MENSAL DE ::  
CULTURA NACIONALISTA

Director: DR. ANTONIO SARDINHA

Redacção e Administração:

LARGO DO DIRECTORIO, 8-3.º — LISBOA

Modas e Confeccões

**JOÃO RIBEIRO**

ALFAITE

Rua 31 de Janeiro, 132

**GUIMARÃES**

**CARPINTARIA VIMARANENSE**

A MAIS ECONÓMICA

Rua Elias Garcia (Casa do Arco) — Guimarães

Encarrega-se de todos os trabalhos de construção civil com segurança.

**Gil Vicente**

**Gil Vicente**

ANO V N.º 178

2.ª Série N.º 55

Preço da assinatura  
(Pagamento adiantado)

Preço das publicações  
(Pagamento adiantado)

PORTUGAL

Ano . . . . . 75500 reis  
Espanha . . . . . 95500 »  
Africa . . . . . 105500 »  
Brazil . . . . . 125500 »  
Numero avulso . . . . . 3150 »

Anuncios e comunicados, linha . . . 200 reis  
Repetições, por linha . . . . . 150 »  
Permanentes, contrato convencional.  
Reclames, no corpo do jornal, até 5  
linhas, cada um . . . . . 25000 »  
Anunciam-se as publicações que o mere-  
çam, mediante dois exemplares grátis.  
Anuncios, não judiciaes, para os srs. assi-  
nantes, 20 por cento de abatimento.

*Ex.<sup>mo</sup> Snr.*